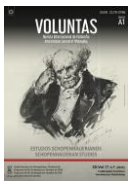
UFSM

VOLUNTAS
Revista Internacional de Filosofia
International Journal of Philosophy



ISSN 2179-3786
Acesso aberto

Voluntas, Santa Maria - Florianópolis, v. 17, n. 1, e96054, p. 01-17, 2026 • https://doi.org/10.5902/2179378696054
Submissão: 03/04/2026 • Aprovação: 10/11/2026 • Publicação: 24/11/2026

XI Colóquio Internacional Schopenhauer

O papel do conhecimento científico em *O mundo como vontade e representação* de Schopenhauer

The role of scientific knowledge in Schopenhauer's The World as will and representation

Pedro Damasceno Uchôas[I]

[I] Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é sustentar, a partir de uma leitura crítica do lugar da ciência em *O mundo como vontade e representação Tomo I,* que Schopenhauer mobiliza diversos conhecimentos das ciências naturais não apenas para exemplificar noções do seu texto, mas também como forma de corroboração de sua metafísica da Vontade. Apesar de não se referir explicitamente ao conceito *Bestätigung* ("confirmação"), como o faz em *Sobre a vontade na natureza,* a ideia de confirmação subjaz aos exemplos e pode ser compreendida em sua função argumentativa: apresentar convergências entre ciências naturais e metafísica.

Palavras-chave: Ciências; Metafísica; Confirmação

ABSTRACT

The aim of this paper is to argue, by means of a critical interpretation of the role of sciences in *The World as Will and Representation,* that Schopenhauer uses findings and authors from natural sciences to corroborate his own metaphysics of Will, instead of just exemplifying the described phenomena. Although Schopenhauer does not make use of the notion of *Bestätigung* ("corroboration"), as he does in *On the Will in Nature*, the idea of corroboration underlies the examples he draws up and has an argument role: to present the convergences between natural sciences and metaphysics.

Keywords: Sciences; Metaphysics; Corroboration

Artigo publicado por *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia* sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0.

1 INTRODUÇÃO

As recorrentes referências de Schopenhauer aos saberes científicos não constituem apenas instrumentos acessórios de discussão conceitual ou de exemplificação. Em muitos momentos, Arthur Schopenhauer se dedica a discutir e a citar pesquisadores e cientistas conhecidos em seu período, apropriando-se de suas obras na construção de uma argumentação filosófica que articula ciência, metafísica da natureza, ética e metafísica do belo. O conhecimento que Schopenhauer possui das ciências empíricas e o papel que elas desempenham na argumentação por ele construída podem variar, desde uma abordagem mais direta sobre elas como saberes de rigor limitados pela experiência do mundo empírico até a discussão sobre a articulação profunda entre ciência e metafísica através do conceito de *confirmação* (*Bestätigung*)[1].

Cabe-nos observar, porém, que as alterações no tratamento das ciências podem confundir o leitor. As ciências naturais são descritas como contraparte sistematizada do saber sobre o mundo sensível que se serve de descrições causais orientadas pelo princípio de razão suficiente do *devir* (no caso das ciências etiológicas), sendo, inicialmente, alocadas hierarquicamente em um estrato inferior ao da filosofia. Embora Schopenhauer enfatize as limitações do saber científico e a sua derivação sistematizada da observação e da experiência, o autor comenta sobre cientistas de áreas e disciplinas variadas quase sempre atribuindo-lhes semelhança ou dessemelhança com o seu próprio pensamento. As semelhanças são, em geral, louvadas e elogiadas, tratadas como reflexos de um pensamento rigoroso que acabou por confluir numa só corrente com a metafísica da vontade.

Adiciona-se a isso o fato de que elas também figuram, em escritos posteriores a *O mundo* (por exemplo, nos capítulos de *Sobre a vontade na natureza*), como instâncias confirmatórias das verdades metafísicas vislumbradas por outra via (a vivência interior,

[1] Este conceito de "confirmação", ou "corroboração", não reúne apenas ciências naturais e metafísica, mas também pode se referir a outras formas de confirmação empírica. Marco Segala aborda as variações dessas relações no artigo *Between Science and Magic: the case of Schopenhauer* (Segala, *Between Science and Magic: the case of Schopenhauer*). Todavia, optamos por nos restringir apenas à relação entre as ciências e a metafísica da Vontade.

o acesso ao em-si por intermédio da relação entre subjetividade volitiva e subjetividade cognoscente). Afinal, as ciências naturais são limitadas e restritivas, apenas descrições e investigações do mundo natural submetidas inteiramente ao princípio de razão suficiente, e, por isso, apenas um saber secundário, ou, em um sentido mais rigoroso, indissociável da metafísica, o seu reflexo no panorama da descrição das relações entre os objetos empíricos?

O objetivo deste artigo é enfrentar essas variações a partir de uma leitura crítica do lugar da ciência em *O mundo como vontade e representação Tomo I,* investigando de que modo os autores citados por Schopenhauer são mobilizados na construção de argumentos e qual o papel filosófico que eles desempenham na articulação entre ciência e metafísica da vontade. Sustenta-se que (i) a relação complementar entre metafísica e ciências naturais já se anuncia em *O mundo* e que (ii) ela é perceptível pela forma como Schopenhauer se apropria de cientistas e autores das ciências naturais ao destacar o modo como eles já teriam identificado a necessidade de postulação de forças ocultas e apetites nos fenômenos inorgânicos e orgânicos da natureza, e, por isso, aberto espaço para a afirmação de uma convergência entre ciência e filosofia. Compreender essa relação problemática entre ciência e filosofia permite-nos distinguir as influências recebidas por Schopenhauer e a que se refere o autor, mais propriamente, quando discursa sobre e avalia o largo horizonte das ciências naturais do século XIX, apropriando-se de seus "progressos" e avanços. Para tal, o itinerário deste artigo se constrói a partir de uma análise inicial do estatuto das ciências e de sua influência baconiana (cujas raízes Schopenhauer não oculta) e da descrição das apropriações que o autor faz de cientistas populares e influentes, adaptando-os ao seu projeto metafísico integral.

1.1 A questão do método: Francis Bacon como ponto de partida

Cabe-nos observar que um dos traços característicos do uso das ciências na obra de Schopenhauer é a atenção especial dirigida à distinção entre ciências e saberes comuns. Essa reflexão propedêutica já se encontra presente nos seus primeiros

escritos e anotações que datam de 1812, período anterior à publicação da primeira versão de *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente.* Ao se referir ao potencial humano de produção de conceitos e de pensamentos abstratos, Schopenhauer elenca formas diferentes de se pensar e organizar os conceitos e as palavras erigidos pela razão. Em um dos primeiros trechos registrados dos *Handschriftliche Nachlass,* são comparados dois tipos de uso do pensamento: a) o inábil pensar em voz alta, a enunciação sonora do que se pensa por incapacidade de raciocínio detido e silencioso, e b) o hábil pensar, rápido e dinâmico, que subsume sob poucos e amplos conceitos (*Gemeinbegriffe*) uma grande quantidade de coisas e fenômenos[2]. O primeiro tipo é comparável ao uso ordinário e comum do saber, desse conjunto conceitual abstrato que a razão engendra e que serve apenas para os usos corriqueiros e cotidianos da vida humana. Um indivíduo pensa para que possa agir, para processar acontecimentos cotidianos e faz uso de sua capacidade distintiva humana. Todavia, um segundo uso, muito menos comum, conduz-nos ao saber rigoroso: a posição, sob apenas um conceito, de classes inteiras de coisas e de conjuntos qualitativamente semelhantes de fenômenos. A razão aplicada à ciência consiste nessa elevação do saber rapsódico ao saber ordenado e sistematicamente coeso.

Os ecos dessas primeiras diferenciações e categorizações do saber se encontram em *O mundo como vontade e representação*, do §14 em diante. À princípio, Schopenhauer estabelece a origem do conhecimento abstrato, a fonte do saber, como a intuição, o contato com o mundo como representação, e descreve a ciência como "a terceira vantagem conferida pela razão ao homem, ao lado da linguagem e da ação planejada"[3]. Por meio da linguagem, o ser humano é capaz de pensar e de se comunicar, de subsumir a diversidade dos objetos concretos e particulares sob os limites de um conceito e de uma palavra. O processo de extração e de abstração das características dos objetos e dos seres em vias de sua comunicação é descrito pelo

[2] HN I, p. 19.

[3] W I, §14, p. 113.

autor como elemento fundamental da inteligência humana. A ação planejada, como desdobramento da capacidade racional, amplia o campo da ação humana para além das meras respostas instantâneas, e envolve a capacidade da projeção da ação e da criação de percursos (imaginários) que podem vir a servir como "mapa" e "carta guia" para a nossa vida vindoura. Porém, se todas essas atividades dizem respeito à capacidade distintiva da razão e do pensamento abstrato, há uma em específico que as ultrapassa em rigor e em cuidado conceitual: a ciência[4].

A ciência é definida e considerada, nessa perspectiva, como dotada de uma estrutura particular: nela, os objetos não são pensados somente em acordo com conceitos, mas sob conceitos cada vez mais amplos que contemplem uma quantidade imensa de fenômenos e estados de coisas. Em vista de explicitar a relação guardada entre objetos e conceitos, Schopenhauer delineia uma teoria geral da linguagem e do pensamento a partir do uso de *esferas* conceituais que ilustram como cada conceito tem um alcance determinado, uma amplitude que torna possível o pensamento e a comunicação[5].

A tendência constitutiva da ciência é a de que todo particular possa ser conhecido sob universais e que todo o saber progride em direção ao aperfeiçoamento: há conceitos para tipos de objetos específicos, de interações específicas entre eles, de formas específicas e gerais. De modo que, ao fim, haja um constructo racional no qual se pode conhecer o particular por meio de suas características gerais, e distinguir o que nele se difere dos a ele semelhantes[6]. O denominado caminho do universal ao particular. Somente assim pode o cientista partir de um conhecimento determinado geral e, por intermédio dele, conhecer a particularidade de um certo evento em sua regra. Isso ocorre, sobretudo, pela razão de que um saber que se pretendesse tão geral e, ao mesmo tempo, procurasse versar sobre cada evento particular acabaria se perdendo em conhecimentos numerosos caso se ocupasse somente das descrições

[4] W I, §14, p. 113.

[5] W I, §14, p. 113.

[6] "Tal caminho do universal para o particular distingue-a do saber comum; conseguintemente, a forma sistemática é uma marca característica, essencial da ciência" (W I, § 14, p. 114).

particulares dos eventos. Assim, haveria um grande conjunto de saberes sem, necessariamente, uma ordem hierárquica dos mais abrangentes e menos abrangentes.

Há uma gradação de juízos mais e menos gerais, abordagem profundamente influenciada pela leitura de Francis Bacon. A argumentação geral sobre as ciências gira em torno da ideia de que a ciência é um saber construído por meio da observação cuidadosa do mundo e pela busca por regularidade nos acontecimentos empíricos. A regularidade, todavia, produto da investigação e da integração entre esferas conceituais e formulada em juízos muito gerais, serve como forma de compreensão de eventos e tipos particulares de seres, consistindo nisso sua distinção essencial em relação ao saber *comum*, ou saber que não se determina por ajuizamentos desse tipo.

> Todo saber, isto é, todo conhecimento elevado *in abstracto* à consciência, está para a ciência propriamente dita como uma parte está para o todo. Qualquer ser humano obtém pela experiência, pela consideração do particular que se lhe apresenta, um saber sobre muitas e variadas coisas; contudo, somente quem se atribuiu a tarefa de obter conhecimento total *in abstracto* sobre uma classe de objetos empenha-se em favor da ciência.[7]

Relação esta que se deixa definir pela integração entre *indução* e *dedução*[8]. Indução e dedução são, desse modo, atividades intelectuais complementares. O problema da inter-relação entre as duas formas de produção de proposições e juízos se vincula a um segundo problema: o problema da verdade.[9]

> Aqui, igualmente, as causas são conhecidas a partir dos efeitos; conseguintemente, toda a doutrina da natureza repousa sobre hipóteses, que amiúde são falsas e, então, cedem gradativamente seu lugar a outras mais corretas. Somente a múltipla confirmação empírica leva a indução, sobre a qual se baseia a hipótese, a aproximar-se o máximo da completude, que na prática toma o lugar da certeza, sendo

[7] W I, §14, p. 113.

[8] "A necessidade de um método indutivo que anteceda o dedutivo deve-se, para Schopenhauer, ao fato de o conceito ser sempre apenas abstrato, isto é, abstraído de uma intuição concreta. O princípio de razão suficiente do conhecer, para que tenha algum conteúdo, deve tê-lo extraído em última instância de uma intuição como sua razão ulterior de conhecimento" (Silva, G. V. *No limite da ciência: algumas considerações sobre a morfologia a partir da perspectiva da teoria da ciência de Schopenhauer*, p. 8).

[9] Uma discussão mais detalhada e considerada por Schopenhauer como complementar pode ser encontrada em *Sobre a quadrúplice raiz.* Nesse texto, Schopenhauer se ocupa de todas as formas, segundo o que concebe, de verdade, e das peculiaridades de verificação de cada modalidade de conhecimento vinculada ao princípio da razão.

> considerada tão pouco prejudicial à hipótese (sua origem) quanto o é a incomensurabilidade das linhas retas e curvas na aplicação da geometria, ou a exatidão perfeita nunca alcançada do logaritmo da aritmética.[10]

Ao invés de se aproximar do esclarecimento daquilo que o mundo é em si mesmo, as ciências se incumbem da descrição ou do conhecimento de formas de corpos e objetos, de interações causais entre estados de coisas, do surgimento de uma linguagem, "da ação dos corpos orgânicos entre si, da constituição das plantas e dos animais".[11] Em suma, ela possui como tema do qual trata uma classe ampla e extensa de objetos. Assim, por exemplo, a ciência da natureza que se pretende descrição de certas interações entre objetos deverá tomar para si o amplo conceito dessas interações e buscar esclarecimento e sistematização do conhecimento do mundo que lhe cabe. Mas sempre, e isso é fundamental, limitada ao espectro das razões e as conexões causais entre os estados de coisas.

Desse modo, portanto, as ciências naturais sempre se orientam a partir da experiência, da intuição empírica, do que é particular em direção às afirmações gerais, futuramente objeto de dedução de outras afirmações.[12] No entanto, apesar da consideração geral sobre o estatuto da ciência ser fundada a partir do pensamento de Francis Bacon e de Immanuel Kant, Schopenhauer destaca que as ciências empíricas passam por processos de substituição de hipóteses em geral problematizadas por teorias mais abrangentes que possam surgir com o passar do tempo, ao contrário da *metafísica.* Distintamente do conhecimento metafísico e artístico (ou "genial"), a variabilidade das explicações e a parcialidade do saber científico conduzem a "certezas" efêmeras. Se o saber pode ser, então, substituído mediante explicações parciais e demonstrado equivocado e fruto de erro, seu rigor é sujeito a avaliações e reavaliações constantes, sem que seja fruto de um acesso imediato, direto e incólume da Vontade como em-si, tal como ocorre por meio da capacidade genial. Sobre essas fragilidades

[10] W I, §14, p. 131.
[11] W I, §14, p. 113.
[12] W I, §15, p. 131.

das ciências da natureza e suas relações com problemas de erro e equívoco indutivos, Schopenhauer assevera que seria necessário que esses conhecimentos empíricos fossem reunidos e cumulativamente ordenados.

> Aqui, igualmente, as causas são conhecidas a partir dos efeitos; conseguintemente, toda a doutrina da natureza repousa sobre hipóteses, que amiúde são falsas e, então, cedem gradativamente seu lugar a outras mais corretas. Apenas nos experimentos montados intencionalmente é que o conhecimento vai da causa ao efeito, portanto segue o caminho mais seguro. Mas esses mesmos experimentos só se fazem em decorrência de hipóteses. Por isso, nenhum ramo das ciências naturais, por exemplo, a física, a astronomia, a fisiologia, pode ser descoberto de uma só vez, como foi possível com a matemática e a lógica, mas precisaram e precisam de experiências completas e comparadas de muitos séculos.[13]

Há, dessa forma, um elemento histórico e determinado nas ciências que, todavia, não está presente na contemplação estético-artística[14]. Essa tensão é explícita na obra de Schopenhauer. O saber científico, como vimos, limita-se pela extensão conceitual do conhecimento e da experiências humanos, é substituível na medida em que novas explicações causais, melhores e mais completas, são elaboradas e vêm à tona, é descrição de apenas relações. Mas há, tal como descrito na terceira parte de *O mundo,* uma outra via de acesso ao mundo muito menos mediata do que o conhecimento explicativo/etiológico: a contemplação estética.

Embora as ciências sejam limitadas, nesse sentido descrito, ainda ocupam um espaço importante em *O mundo* como instâncias de confirmação e de retomada de princípios metafísico-filosóficos. O conceito de *confirmação* (*Bestätigung*) não recebe toda a atenção e dedicação que figurará em *Sobre a vontade na natureza*[15]*,* obra em que

[13] W I, §15, p. 131.

[14] Uma comparação cuidadosa e estrita das distinções entre o conhecimento científico e a contemplação estética excede o escopo deste artigo, mas é profundamente frutífera. Esperamos poder explorar essa tensão em trabalhos posteriores.

[15] Schopenhauer define o conceito de confirmação com nitidez em *Sobre a vontade na natureza* ao descrever aproximações temáticas e compreensões sobre a vontade presentes nas ciências naturais, sobretudo a partir da Astronomia física. Para tal, faz uso de Herschel como exemplo chave. Segue-se o trecho: "Está claro que, como todos os empíricos de áreas tão distintas citados por mim antes, também Herschel foi levado em suas investigações à fronteira paralisante em que o físico tem somente o metafísico além de si, e que também ele, como todos os outros, pôde ver somente vontade para além dessa fronteira" (N, Cap. 4, p. 125).

Schopenhauer declara explicitamente a relação complementar entre ciências e metafísica, mas subjaz sob as considerações do autor no decorrer do texto, podendo passar despercebida para o leitor pouco atento. Como tomá-las em seu valor específico para a metafísica e compreender suas inserções e menções tão recorrentes na obra de Schopenhauer? Eduardo Brandão percebe essa mesma tensão em *A concepção de Matéria na obra de Schopenhauer* e a formula nos seguintes termos:

> Se a descoberta da idéia é facultada, então, apenas ao gênio, que é, inclusive, avesso ao modo de conhecimento das ciências, então não podemos ver na teoria estética de Schopenhauer, dessa forma, uma espécie de impossibilidade do conhecimento da idéia pela ciência? Assim, como alcançar na metafísica da natureza, esse nível de objetividade exigido pela idéia, se não há uma estrutura racional *a priori* presente no conhecimento científico para tanto?[16]

1.2 As ciências naturais como confirmação metafísica

Ao longo de *O mundo,* Schopenhauer se refere a muitos autores e cientistas de seu período, retomando e analisando, mesmo que brevemente, suas obras e/ou seus percursos intelectuais. Em alguns casos, como veremos, as referências são ilustrativas, como quando, por exemplo, Schopenhauer compara o pensamento de Kant à noção de véu de Maia (antiga conhecida do leitor de Schopenhauer em suas incursões pelo pensamento hindu) e estabelece uma relação entre a antecipação da "fantasmagoria" do mundo por meio da última noção e seu desenvolvimento filosófico em Kant e a perspectiva heliocêntrica de Aristarco e Filolao e a de Copérnico. Se, por um lado, há já nos dois pensadores gregos uma antevisão da descrição heliocêntrica do universo, apenas com Copérnico ela se concretiza em uma teoria científica erguida sobre descrições rigorosas e observações criteriosas[17].

Ademais, a descrição criteriosa dos fatos e de sua vinculação a leis e regras gerais da realidade é, precisamente, o que alça o mero conhecimento descritivo esparso e errante ao estatuto de ciência. Hookes, Lavoisier, Newton e Goethe são autores

[16] Brandão, *A concepção de matéria da obra de Schopenhauer*, p. 27.
[17] K, p. 528.

representativos dessa empreitada, descritos como intelectuais que foram capazes de explicar, etiologicamente, uma grande quantidade de fenômenos a partir de constatações da atuação de "forças naturais". Hookes, por exemplo, teria sido responsável pela "descoberta" da gravitação a partir de observações e remissões intuitivas de fenômenos à regularidade da queda dos corpos[18], Lavoisier foi responsável por feitos semelhantes ao "descobrir" o oxigênio e sua relação com a vida em geral, dentre outros casos citados por Schopenhauer.

Entretanto, não se limita a isso a reprodução que Schopenhauer elabora das obras dos autores das ciências naturais, e a relação entre ciência e metafísica, na realidade, é menos simples do que parece. Poder-se-ia recair no vício de reafirmar que as ciências são sempre sinônimo de limitação e de abordagens puramente empíricas que não são capazes de se aproximar do conhecimento metafísico. Porém, não é isso que se nota em uma segunda leitura cuidadosa do texto de Schopenhauer. *O mundo* encerra em si múltiplas referências a verdades metafísicas anteriormente antecipadas pelos cientistas, na medida em que, por meio da observação e da descrição atenta dos fenômenos, viram nelas indicadores de uma "força" subjacente e extrafísica.

Há nisso um sentido semelhante ao que figura em *Sobre a vontade na natureza,* perceptível a partir da descrição dos exemplos das ciências naturais que conduzem à reafirmação da Vontade como essência do mundo empírico. Em outras palavras, as ciências naturais não estão limitadas a cumprir o papel argumentativo de servir como exemplificações do conhecimento empírico e de seu insucesso (compensado pelo estatuto elevado da contemplação artística)[19], mas se conectam à metafísica como sua contraparte nas descrições materiais e etiológicas das mudanças e interações entre as coisas no mundo observável e mensurável. Passamos, em seguida, para uma avaliação crítica das menções de Schopenhauer aos autores de ciências e de suas contribuições convergentes com a metafísica da Vontade.

[18] W I, §6, p. 65.

[19] Segala, M. *The sciences in The World as Will and Representation*, p. 225.

Euler, como um dos exemplos mais importantes, é referido por Schopenhauer tanto como um dos fundadores da teoria das esferas conceituais (esquemas explicativos utilizados por Schopenhauer para explicar a relação entre os conceitos e as palavras) quanto como um cientista cuidadoso que, se opondo a Newton, abre espaço para o desenvolvimento da física moderna. Com relação às esferas conceituais, Schopenhauer observa que teria sido Euler quem "primeiro levou o procedimento a bom termo usando círculos", estabelecendo que os conceitos se conectam, se limitam e abrangem uns aos outros, englobando uma enorme quantidade de acontecimentos e objetos e permitindo a interação entre noções abstratas diferentes que se relacionam no mundo (cores e coisas, por exemplo)[20].

Por outro lado, a contribuição científica de Euler se estende para além da mera descrição do saber e de sua relação com as coisas particulares e experienciadas. Em suas pesquisas acerca da relação entre corpos pesados e a lei geral da gravitação, ele teria, ainda, percebido que há uma força, como um desejo irracional, que condiciona todos os fenômenos gravitacionais. Schopenhauer atesta seu conhecimento da discussão acerca do problema da gravitação e do comportamento dos corpos pesados e utiliza o pensamento de Euler como estratégia argumentativa: também Euler encontra na gravitação, grau de manifestação da Vontade mais fundamental, um *apetite,* uma vontade. Em outras palavras, Euler teria chegado a conclusões muito semelhantes às de Schopenhauer em *O mundo* sem que tivesse travado qualquer contato com a sua obra. Sua constatação da necessidade de postulação de uma força natural que reconduz a um "apetite" se derivaria da observação detalhada do mundo natural e da perspicácia de postulação de uma vontade como tônica condutora de toda interação gravitacional entre os corpos. A atenção que Schopenhauer devota a esse exemplo, em específico, pode se derivar de seu reconhecimento do importante passo que Euler dá no conhecimento do mundo, visto que, em geral, uma vontade é

[20] W I, §9, p. 90.

pressuposta como origem de uma mudança ou transformação apenas quando o cientista se refere a animais e seres humanos[21].[22]

> Ainda é preciso observar que Euler percebeu que a essência da gravitação, em última instância, tem de ser reduzida a uma "inclinação e apetite" (portanto Vontade) comum aos corpos (68ª carta à Princesa). Precisamente isso o torna arredio ao conceito de gravitação tal como se encontra em Newton, levando-o a operar uma modificação no mesmo de acordo com a antiga teoria cartesiana, portanto derivar a gravitação do choque de um éter com os corpos, o que seria muito mais "racional e apropriado às pessoas que apreciam princípio claro e inteligível".[23]

Também Laplace observa fenômenos semelhantes e os expande para fenômenos pouco ou raramente observáveis. Diante da relação entre os planetas, considera que a rotação observável e as órbitas que podemos descrever são resultado de uma relação constante que se mantém entre os corpos no espaço por ocasião de uma separação original em tempos passados, quando os planetas e os sóis ao redor dos quais gravitam faziam parte de um pedaço de matéria comum, estavam unidos[24]. A colisão entre os corpos não ocorre precisamente pelo equilíbrio de esforços existente entre eles, na medida em que "resulta a tensão constante entre forças centrípeta e centrífuga, que mantém os orbes celestes em movimento e já é uma expressão daquela luta generalizada e essencial"[25].

Com relação ao mundo animal, compreendido como o aspecto da realidade em que se possui "a visibilidade mais nítida dessa luta universal", as constatações fisiológicas e biológicas aclaram e explicitam as relações de desejo e apetite inconscientes. No §27, Schopenhauer fornece uma grande quantidade de exemplos de animais, invertebrados e vertebrados em que, explicitamente, apareceriam

[21] W I, §20, p. 166.

[22] "De modo geral, como foi elucidado antes, cada explanação etiológica só pode fornecer a posição necessariamente determinada no espaço e no tempo de um fenômeno particular, seu aparecimento necessário conforme uma regra fixa. Mas por essa via a essência íntima do fenômeno permanece sempre infundada, sendo pressuposta por qualquer explanação etiológica, e apenas indicada pelo nome força, lei natural ou, caso se trate de ações, caráter, vontade" (W I, §20, p. 166).

[23] W I, §24, p. 188.

[24] W I, §27, p. 213.

[25] W I, §27, p. 213.

manifestações de comportamentos inconscientes e variáveis vinculados à noção geral de Vontade. Um dos exemplos mais emblemáticos é o da obra de Lamarck, *Philosophie Zoologique.* O autor acusa Lamarck de incorrer em contradições ao pretender reduzir todos os seres vivos a forças físicas gerais com o intuito de esgotar a realidade através de explicações puramente materiais (uma das faces do materialismo já discutidas por Schopenhauer no §4 de *O mundo*). Entretanto, ao mesmo tempo, Lamarck atesta que os seres vivos, distintamente dos inanimados, sofreram transformações com o passar do tempo ocasionadas por estímulos ambientais[26]. Como define Schopenhauer: "Em consequência, o organismo seria tão fortuitamente formado a partir da reunião dessas forças como o são as figuras de homens e animais nas nuvens, ou as estalactites; dessa forma, em si mesmo o organismo não seria mais interessante"[27]. A ausência de interesse se derivaria da falta de particularidade dos seres vivos (compreendidos por Schopenhauer como expressões de Ideias, graus de objetivação da Vontade) e da redução de toda a complexidade do vivente a, meramente, algumas forças físicas e químicas gerais. Apesar disso, a compreensão dessas forças e de sua presença nos viventes não é de todo inútil e pode fornecer uma complementação para a compreensão do fenômeno da vida. Metaforicamente, há uma indicação para a sua importância como "ferramenta" da força vital dos seres, como conjunto dos meios pelos quais a vida se perpetua e se mantém: "a força vital utiliza e se serve das forças da natureza inorgânica, sem contudo reduzir-se a elas, tampouco quanto o ferreiro se reduz a bigornas e martelos"[28]. Ainda assim, as forças da natureza são apenas pressupostas nas ciências. Elas podem ser melhor compreendidas por intermédio da metafísica, e o cientista que excede a mera descrição física das interações ou formas dos objetos se aproxima, cada vez mais, da universalidade metafísica que se encontra no limiar das descrições do "quê" cada coisa é essencialmente[29].

[26] W I, §27, p. 205.
[27] W I, §27, p. 206.
[28] W I, §27, p. 206.
[29] Bozickovic, *Schopenhauer on Scientific Knowledge*, p. 22.

Isso aparece com muita nitidez nos exemplos que descrevem e confirmam algumas noções centrais à metafísica da Vontade. Coletados, em geral, a partir de registros e publicações sobre interações entre animais e plantas, os exemplos utilizados ilustram e, ao mesmo tempo, atestam o conflito inerente à existência de um mundo cuja essência subjacente é Vontade. Schopenhauer parece escolhê-los de forma estratégica: em todos os exemplos citados, pode-se constatar desdobramentos de sua filosofia e, ao mesmo tempo, descrições que, sem referência direta à sua obra, dispõem imageticamente volições e "esforços" dos seres vivos e dos fenômenos inorgânicos (caso, por exemplo, das descrições das descobertas de Euler), incluindo-se a constante disputa pela existência que envolve uma forma de dominação presente em todos os fenômenos da Vontade, e que, apesar de ser parte da discussão metafísica do "quê" o mundo é, encontra sua contraparte apenas na descrição detalhada do comportamento animal que parte da observação empírica. Desse modo, o conflito e a disputa, inerentes à própria manifestação da Vontade no mundo, são observáveis de forma nítida na vida dos animais e das plantas.

> Diversos insetos (em especial os *icneumonídeos*) põem seus ovos sobre a pele, no corpo das larvas de outros insetos, cuja lenta destruição é a primeira obra do germe que sairá do ovo. O jovem pólipo, que cresce como uma rama a partir do velho, e mais tarde se separa dele, já luta contra o mesmo enquanto ainda se prende a ele, pela presa que se oferece, de modo que um a arranca da boca do outro (*Trembley, Polypod. II,* p. 110, e III p. 165). O mais flagrante exemplo desse tipo de conflito é fornecido pela formiga *bulldog-ant* na Austrália: quando se a corta, tem início uma luta entre a cabeça e a cauda: a primeira ataca com mordidas a segunda, e esta se defende bravamente com o ferrão; a luta dura cerca de meia hora, até que ambas morrem ou são carregadas por outras formigas. E isso ocorre sempre (extraído de uma carta de Howitt, em *W. Journal,* impresso no Galignani's *Messenger,* 17 de novembro de 1855). Às margens do rio Missouri por vezes se vê um grande carvalho de tal maneira envolto em seu tronco e galhos por uma gigantesca e selvagem videira que tem de murchar como se fosse sufocado. O mesmo ocorre inclusive nos graus mais baixos, por exemplo lá onde a água e o carbono são convertidos por assimilação orgânica em seiva vegetal, ou os vegetais, ou o pão, em sangue [...].[30]

[30] W I, §27, p. 212-213.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caro tema das ciências naturais pode, então, ser melhor compreendido no âmbito de *O mundo* a partir das reflexões acima. Ao invés de apenas reduzir as ciências ao estatuto de conhecimento superficial, tal como um sobrevoo sobre o mundo natural, sustentamos que há recorrentes referências ao papel complementar e mesmo antecipatório dos avanços científicos. Conhecer as obras de Lamarck, Laplace, Euler, dentre outros, permite-nos entender, concomitantemente, a importante relação que se estabelece entre metafísica e filosofia e as descobertas oriundas da observação do mundo intuitivo e reordenadas de forma rigorosa em um sistema explicativo etiológico ou morfológico. Longe de situar as ciências apenas em um estrato inferior do conhecimento, Schopenhauer as realoca, sem que isso seja feito explicitamente por meio de um conceito metodologicamente relevante como o de *confirmação,* como conjunto importante de recursos argumentativos.

Em suma, metafísica e ciências naturais se complementam, apesar da superioridade metafísica do saber. A metafísica encontra nas ciências uma contraparte de suas próprias constatações, feitas por uma via epistemológica completamente diferente: enquanto as ciências naturais se constituem de conhecimentos intuitivos elevados, cada vez mais, a regras e leis universais, a metafísica se constrói a partir e através da vivência interna humana. Mas revela-se, para o pesquisador atento, uma dificuldade inerente às próprias ciências, quando, nelas, as descrições etiológicas e causais já não bastam mais para que se possa entender os complexos fenômenos do vivente e do não-vivente e a regularidade universal dos estados de coisas e das forças naturais. A recusa a explicações inteiramente materiais é, para Schopenhauer, sinônimo de maturidade intelectual e percepção acurada dos elementos explicativos que excedem a postulação de relações físicas e químicas. Por isso, por exemplo, o pensamento de Demócrito, originador do materialismo[31], é tratado como essencialmente enganoso e superficial, mera descrição física de toda a realidade por

[31] W I, §24, p. 183.

meio de choques e entrelaçamentos de partículas materiais, elas mesmas pouco compreendidas pelo ser humano. Todos os materialistas, pensa o autor, deveriam estar cientes do fato de que "aquilo a ser perdoado à criança (Demócrito) não o será perdoado ao adulto"[32]. Podemos entender, porém, que Schopenhauer não se detém nesses resultados redutivos, mas parte deles para colher outros, aqueles que não apenas reduzem, mas que, conscientes de sua redução, indicam para a Vontade subjacente ao mundo como representação, ao metafísico para o qual acena a descrição detalhada do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Weiny César Freitas Pinto pelo auxílio e orientação no período do meu pós-doutorado. Este trabalho é fruto inicial de minha pesquisa atual de pós-doutorado no programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

Brandão, E. *A concepção de Matéria na Obra de Schopenhauer.* São Paulo: Humanitas, 2018.

Bozickovic, V. Schopenhauer on Scientific Knowledge. In: VANDENABEELE, B. *A companion to Schopenhauer.* United Kingdom: Blackwell Publishing, 2012.

Schopenhauer, A. *Crítica da Filosofia Kantiana. In:* Schopenhauer, A. *O mundo como vontade e como representação, tomo I.* Tradução e notas de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005 (K).

Schopenhauer, A. *Der Handschrifliche Nachlass in fünf Bänden (Teilbänden)*. Ed. Arthur Hübscher. München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & co., 1990. In: *Schopenhauer im Kontext III*. Berlin, Kanster Worm, InfoSoftWare, 2008 (HN).

Schopenhauer, A. *O mundo como vontade e como representação, tomo I.* Tradução e notas de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005 (W I).

Schopenhauer, A. *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente.* Tradução e apresentação de Oswaldo Giacóia Jr. e Gabriel Valladão Silva. Campinas: Editora Unicamp, 2019 (G).

[32] W I, §24, p. 183.

Schopenhauer, A. *Sobre a vontade na natureza.* Tradução, introdução e notas de Gabriel Valladão. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014 (N).

Segala, M. The sciences in The World as Will and Representation. In: *Schopenhauer's The World as Will and Representation, a critical guide.* United Kingdom: Cambridge University Press, 2022.

Segala, M. Between Science and Magic: the case of Schopenhauer. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia,* Vol. 11, n. 3, 2020.

Silva, G. V. No limite da ciência: algumas considerações sobre a morfologia a partir da perspectiva da teoria da ciência de Schopenhauer. *Revista Voluntas: Estudos Sobre Schopenhauer,* Vol. 4, 2013.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

1 – Pedro Damasceno Uchôas
Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos
https://orcid.org/0000-0001-9055-651X • pedruchoas@gmail.com
Contribuição: Escrita – Primeira Redação

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Uchôas, P. D. O papel do conhecimento científico em *O mundo como vontade e representação* de Schopenhauer. *Voluntas Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria - Florianópolis, v. 17, n. 1, e96054, p. 01-17, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.5902/2179378696054.